

13º DOMINGO APÓS PENTECOSTES (PRÓPRIO 18)

07 DE SETEMBRO DE 2025

LUCAS 14.25-35

1 TEXTOS DA TRIENAL

1.1 – Salmo 1

“Pelo contrário, o prazer deles está na lei do Senhor, e nessa lei eles meditam dia e noite.”

O Salmo 1 abre as portas do Saltério, funcionando como um prólogo que apresenta, logo de início, os dois caminhos que se seguirão em todo o livro: o do justo e o do ímpio. As imagens são fortes. O justo é como uma árvore plantada à beira de ribeiros, sempre verde, firme, frutífera. O ímpio, por outro lado, é como a palha seca que o vento leva sem rumo.

No versículo 2 está o segredo dessa firmeza e frutificação: ter prazer na lei do Senhor e meditar nela constantemente. A “lei” não significa apenas mandamentos, mas todo o ensino e a revelação de Deus. O problema é que, naturalmente, nosso coração tende a buscar prazer em conselhos humanos e caminhos pecaminosos, em vez de se alimentar da Palavra.

A solução está em Cristo, a Palavra viva. Ele nos planta junto às águas do Batismo, nos sustenta por sua Palavra e nos alimenta na Ceia. Assim, quem é nutrido pela Palavra permanece firme mesmo nos tempos difíceis e produz fruto que abençoa o próximo. O ímpio, sem raízes na graça, acaba sendo levado à perdição.

1.2 – Deuteronômio 30.15-20

Esse trecho faz parte das últimas palavras de Moisés antes de Israel entrar na Terra Prometida. Deus coloca diante do povo duas opções bem claras: vida e bem, ou morte e mal. Quando Ele diz: “*Escolham a vida*” (v.19), não está falando de um moralismo vazio, mas de um chamado à fé e à obediência ao único que é fonte de vida.

O problema é que, desde a queda, nossa inclinação natural é desobedecer. Sem a ação de Deus, não conseguimos escolher o caminho certo. É a graça dele que nos chama, converte e sustenta — ontem, hoje e sempre. Em Cristo, essa escolha é garantida, pois ele mesmo é o caminho, a verdade e a vida.

O resultado disso é viver diariamente debaixo da Palavra, com a certeza de que nela há vida. Afastar-se dela é, inevitavelmente, entrar no caminho da morte.

1.3 – Filemom 1-21

Nesta carta íntima, Paulo intercede por Onésimo, um escravo fugitivo que foi convertido enquanto estava com o apóstolo. Ele pede que Filemom o receba “*não mais como escravo, mas, como irmão querido*” (v.16).

Aqui vemos o Evangelho aplicado de forma concreta nas relações humanas. A reconciliação em Cristo não apenas nos salva, mas, também, redefine laços e papéis sociais. O problema é que, muitas vezes, preferimos guardar mágoas, insistir em nossos direitos e levantar barreiras, em vez de agir como Cristo nos ensinou.

A solução é a obra reconciliadora do Senhor, que nos fez filhos de Deus e, portanto, irmãos uns dos outros. Isso nos leva a agir como Filemom foi chamado a agir: perdoar, acolher e tratar o próximo com dignidade e amor — do mesmo jeito que Cristo fez conosco, apesar do que somos.

1.4 – Lucas 14.25-35

Jesus fala de forma direta e exigente sobre o discipulado: segui-lo significa estar disposto a renunciar a tudo — até mesmo laços familiares e bens materiais. As parábolas da torre e da guerra deixam claro que seguir a Cristo não é apenas um impulso emocional, mas decisão consciente e bem calculada.

O problema é que tentamos segui-lo sem abandonar o que nos prende. Isso nos leva a um “*seguir*” raso, sem plena entrega e devoção. A solução está no próprio Cristo, que renunciou a tudo por nós e, pelo Espírito Santo, nos capacita a viver como discípulos de verdade.

O resultado é viver publicamente como discípulo, sabendo que seguir a Cristo é o maior privilégio da vida — e que não vale tratá-lo como algo inútil.

2 CONTEXTO LITERÁRIO E HISTÓRICO

O Evangelho segundo Lucas, escrito provavelmente entre 60 e 80 d.C., foi direcionado a um público em grande parte gentio. Lucas mostra que Jesus é o Salvador de todos — judeus e não judeus — e, mais do que os outros evangelistas, ele enfatiza a universalidade do Evangelho, a compaixão de Cristo, o papel do Espírito Santo e o chamado franco à fé.

O capítulo 14 está na seção conhecida como “*a viagem para Jerusalém*” (Lc 9.51–19.27). Jesus caminha para o centro de sua missão: a cruz. No caminho, ele ensina sobre o Reino de Deus, desfaz falsas expectativas e confronta a ideia de um messias político e triunfante.

O nosso texto vem logo depois da parábola do grande banquete (Lc 14.15-24), onde muitos rejeitam o convite do Reino por causa de interesses pessoais. Historicamente, o público era formado tanto por judeus que esperavam uma glória imediata, quanto por discípulos que ainda não compreendiam o preço do segui-lo. A comunidade cristã do primeiro século também enfrentava perseguição e rejeição social, tornando esse ensino extremamente concreto.

3 ANÁLISE LINGUÍSTICA E EXEGÉTICA

v.25 – “*Grande multidão estava acompanhando Jesus*” indica interesse popular, mas nem sempre pelos motivos certos: muitos estavam ali por curiosidade, milagres ou expectativas políticas. O verbo usado, acompanhar, pode sugerir movimento junto, mas não compromisso. Jesus interrompe a caminhada para falar claramente sobre o que significa segui-lo.

v.26 – “*se não me amar mais*” (comparar com Mt 10.37). A ideia é que nenhuma relação — nem mesmo a própria vida — pode ter prioridade maior do que Cristo.

v.27 – “*Estiver pronto a morrer*” ou “*tomar a sua Cruz*”. Jesus usa essa imagem para mostrar que o discipulado exige entrega total e disposição para sofrer por causa dessa fé.

v.28-30 – A parábola da torre fala sobre calcular o custo. Não é um impulso emocionado: quem começa sem pensar corre o risco de parar no meio e passar vergonha.

v.31-32 – O exemplo do rei indo para a guerra ensina que seguir a Cristo exige avaliar com seriedade o que enfrentaremos: o pecado, o mundo e o diabo.

v.33 – “*deixar tudo*” significa desapegar-se de maneira real, colocando tudo o que temos sob a autoridade de Jesus.

v.34-35 – O sal serve para conservar e dar sabor. Se ele perde essa capacidade, não serve para nada. Assim é o discípulo que perde sua essência: que não confia na graça e não vive conforme essa graça sugere.

4 CONTEXTO TEOLÓGICO

O texto aponta para quatro verdades centrais:

- a) Cristologia – Jesus exige devoção total porque é Senhor absoluto.
- b) Antropologia – Nossa natureza caída evita o custo do “seguir-lo”; precisamos da graça.
- c) Eclesiologia – Seguir Jesus não é superficial; é um compromisso visível e perseverante.
- d) Escatologia – As metáforas mostram a urgência e as consequências eternas da decisão de seguir a Cristo.

5 APLICAÇÕES PARA A FÉ CRISTÃ

- a) Cristo em primeiro lugar: até os vínculos mais preciosos ficam abaixo dele.
- b) O discipulado tem custo: a salvação é dom gratuito, mas, muitas vezes seguir-lo exige renúncia.
- c) Perseverança: não é uma decisão de um dia, mas um caminhar contínuo.
- d) Sal com sabor: o mundo precisa de cristãos firmes, não mornos.
- e) Vivência prática: como em Filemom, o discipulado se expressa em reconciliação, serviço e confiança.

6 CONCLUSÃO

Lucas 14.25-35 não é um convite para um cristianismo cômodo, mas para uma vida inteira voltada a Cristo. Não há meio-termo. Jesus renunciou a tudo por nós; ele espera discípulos conscientes, dispostos e absolutamente entregues a ele. Esse

chamado não é perda, mas ganho — porque, ao abandonar o pecado e nos agarrar as promessas da Palavra, recebemos tudo.

7 SUGESTÃO HOMILÉTICA:

7.1 Proposta de tema: “Dois caminhos, uma só vida”

Algumas decisões mudam o rumo da nossa vida. Trocar de cidade, mudar de emprego, casar... decisões que moldam o futuro. Hoje, a Palavra de Deus nos coloca diante da maior de todas: o caminho da vida ou o caminho da morte.

No Salmo 1, vemos essas duas opções em imagens claras: a árvore junto às águas — verde, firme, frutífera — e a palha seca, sem peso, levada pelo vento. No fundo, todos sabemos qual delas gostaríamos que nos descrevesse.

Mas então ouvimos Jesus no Evangelho de hoje, e as palavras são fortes: *“Quem quiser me acompanhar não pode ser meu seguidor se não me amar mais do que ama o seu pai, a sua mãe, a sua esposa, os seus filhos, os seus irmãos, as suas irmãs e até a si mesmo.”* E ainda: *“Não pode ser meu seguidor que não estiver pronto para morrer como eu vou morrer e me acompanhar.”*

Ele não suaviza a mensagem. Segui-lo exige tudo. Não é um hobby, não é um complemento à vida. É ter a vida inteira reorientada para ele. Mas nosso problema é tentar segurar os dois caminhos ao mesmo tempo: queremos o céu, mas também queremos controlar nossa vida. Queremos construir a torre, mas sem calcular o custo; queremos vencer a batalha, mas sem enfrentar o inimigo.

E assim vamos ficando mornos, como sal sem sabor. Mas o chamado de Jesus não é um peso sem sentido. Ele não pede que renunciemos a tudo para nos deixar vazios. Ele abriu mão de tudo por nós: deixou o céu, o trono, entregou-se à morte de cruz — para nos dar vida de verdade e eterna.

Seguir a Cristo é andar atrás de um Rei que já foi à frente, que já venceu a batalha, que garantiu a vitória. E esse “*seguir-lo*” se traduz em gestos concretos. Em Filemom,

vemos Paulo pedindo reconciliação entre um senhor e seu escravo fugitivo — agora, não no céu. Isso é viver o Evangelho: deixar de lado o orgulho e do “direito” próprio para entregar e viver uma reconciliação que Jesus conquistou.

Por isso, o chamado de hoje é o mesmo de Deuteronômio: “*Escolham a vida.*” É o caminho de renunciar a tudo porque, em Cristo, já temos tudo. Esse é o único caminho que vale a pena — e nele, não caminhamos sozinhos. Ele nos sustenta, perdoa, fortalece.

E no final desse caminho, não encontramos incerteza, mas eternidade com o Senhor. Que Deus nos mantenha firmes, como árvores junto às águas, até o dia em que veremos, com nossos próprios olhos, aquele que nos chamou para a vida.

Rev. Kássio Roberto Loose

Imbituva/PR